



Durante o VI Festival Lixo e Cidadania a Mosaico: estudos em psicologia conversou com Anderson Lopes Miranda, morador de rua e participante do festival. Anderson, possui 31 anos de idade, e já está em situação de rua há 15 anos. É casado, tem uma filha e abriga-se com sua família em um albergue na cidade de São Paulo. Diz que ainda está no sistema do clientelismo e do assistencialismo, mas que tem vontade de construir uma casa própria. Está engajado não só em melhorias pessoais, mas também em melhorias coletivas. Há três anos está na luta pela consolidação do Movimento Nacional da População de Rua, que se iniciou no ano de 2004 no Festival Lixo e Cidadania. Participa, em São Paulo, da associação A luta da rua. A entrevista com Anderson, aborda a mesma questão conversada com o professor Boaventura de Sousa Santos (p. 77) – a interlocução entre universidade e sociedade – numa

Entrevista

ANDERSON LOPES MIRANDA

tentativa de compreensão desse tema sob a ótica de experiências distintas.

Mosaico: Como pensar a possibilidade de articulação entre a universidade e os movimentos sociais? Como você vê isso na sua luta cotidiana?

Anderson Lopes Miranda: A universidade é importantíssima, mas hoje pela questão do surgimento dos movimentos: o MST; o MMCR; o movimento da população de rua; e até o próprio movimento estudantil pela questão de reivindicação das políticas públicas nós vemos que a academia tem hora que esquece de estar na base, e trabalha um material só para a academia. E aí esquece que aquelas pessoas vão continuar naquela vivência. E você tira o seu canudo e pronto e acabou!? Não! A academia tem que ter uma realidade e uma vivência. Não só de estar lá na escola, mas estar na rua, não é verdade!? Porque amanhã você pode ser um engenheiro e que vai arquitetar a exclusão dessa população de rua. E aí? Como é que você vai falar não? Se você viver nos movimentos, mesmo que você não concorde com ele, mas se você viver na realidade, você vai preparar uma cidade para participação desta população: dos catadores, dos moradores de rua e dos movimentos sociais, dos deficientes. Hoje você forma um arquiteto para preparar só prédio, e não para ele revitalizar a cidade da maneira com a participação dessa população. Então o que a gente precisa ver? Você forma assistentes sociais hoje, pra ela só te atender atrás do balcão? Não! Assistente

social precisa estar, conhecer, vivenciar. Eu acho que essa é a questão da academia. Porque eu vou trabalhar com seres humanos, eu vou trabalhar com a pessoa, então se eu não formo essa pessoa para entender a pessoa, ela vai perder o serviço, só vai ficar no assistencialismo, no clientelismo. Não é verdade!? Hoje nós temos no mundo muitos prédios ociosos. E esses prédios o que acontecem? Você vai criando, criando, criando, criando...Não! Você tem que revitalizar e colocar essa população para morar. Então eu acho que a academia não precisa fazer parte do movimento, não precisa abraçar, mas conhecer um pouco a realidade. E discordar também, um momento, do movimento. Levar pra academia o movimento e aí o debate de eu concordo, não concordo, eu discordo dos movimentos, da ação que o movimento atua. É nesse sentido, e não de eu fazer um TCC, um documento que amanhã vai ficar guardado na biblioteca só da academia e não de poder ser usado. Não é verdade!? E não poder ser trabalhado. Hoje você forma também psicólogos que tem problema psiquiátrico, porque é tanto problema que ele próprio acarrenta que ele não consegue trabalhar. Então a psicologia tem que estar também na base e conhecer um pouco hoje a realidade. Se fecha hoje os manicômios!? Nós temos o Movimento Anti-Manicomial. Concordamos com o Movimento Anti-Manicomial. Mas, e aí? Essa população vai para onde? Vai para a rua? E é o que esta acontecendo. Albergue hoje é pras pessoas que tem problema psíquico. E os psiquiatras? Então nós temos que formular junto com o movimento estudantil, com a psicologia é essa questão: os movimentos tem uma luta, e a academia tem uma outra visão, e que temos que unificar essa visão. A visão de que a academia é importante para apoiar os movimentos, e os movimentos para apoiar a academia, que os dois precisam um do outro. Mas não para que se jogue aquele documento fora. Você precisa hoje que a academia faça documentos para a formação dessas novas li-

80

deranças. Amanhã o menino que está se formando em administração vai ser o prefeito da cidade. E aí? Vai ser o governador do estado. Vai ser o presidente da república. E que esse administrador que não só administra empresa, mas que administra também uma cidade, possa incluir esses movimentos. A participação que ele teve na academia, lá dentro da faculdade, possa ter na rua. É isso que nós queremos. É essa forma que nós queremos. É essa participação. Não que nós destituímos a academia, que não achemos importante. É importantíssimo! É importantíssimo! Mas que não fique pessoas só com canudos e que amanhã se esqueça da luta. É desta forma que nós queremos.

Mosaico: Como que você esta percebendo a articulação entre diferentes movimentos sociais no VI Festival Lixo e Cidadania e como é para você participar desse festival?

Anderson Lopes Miranda: Eu participo desde o segundo Festival Lixo e Cidadania. Não participei do primeiro, mas participei de 2003, 2004, 2005 e 2006. Eu acho que cada ano o festival vem crescendo. Não podemos dar a magnitude deste festival e a importância não só da participação dos moradores de rua e dos catadores, mas a importância de outros, e outros, e outros movimentos. Eu acho que a gente tem aqui, como o Boaventura [de Sousa Santos, conferencista do VI Festival Lixo e Cidadania] acaba de dizer, a participação do movimento estudantil. Os estudantes que vêem esta forma de estar no festival. Não é só porque vai falar da ecologia. (Ah, é bonitinho a ecologia! Não matar árvore!) Não! É falar do problema social, é falar do problema da ecologia, é falar do problema da academia. O estudante muitas vezes não tem transporte pra ir pra sua faculdade porque é precário o nosso transporte publico. Muitas vezes vem pra sua faculdade e não tem moradia digna. Então é importante esse debate de ter a academia aqui discutindo, de ter os movimentos sociais. É esse o sentido do festival. Não só se tornar um festival de reciclagem, mas um festival que toda a

sociedade possa participar, desde os gestores públicos até a sociedade civil e os movimentos sociais. Então eu acho que é isso que é a importância do festival. Que este festival, que é o sexto, possa acarretar em outros festivais em outras cidades. Como nós da população de rua aprendemos já nessa sexta edição aqui do festival, nós vamos fazer um “festirua” para população de rua em São Paulo. Pelo quê? Pelo que nos traz aqui. Esse aprendizado de não querer dizer que “só a população de rua que sabe”, “só o catador sabe”. Não! De escutar um pouco da academia, de escutar um pouco o gestor público e de fazer parcerias. Nós no movimento em São Paulo, estamos criando uma parceria com o movimento estudantil. A partir de outubro nós vamos ter três formações com o movimento estudantil. Eles vão dar uma formação pra nós. Uma formação de como encarar a massa da elite, porque eles sabem disso, mesmo que eles estejam na elite, mas eles sabem de como encarar. Então nós vamos ter o movimento tendo formação com o movimento estudantil, é essa a importância de não só de estar na academia, lutar pela melhoria da faculdade e pronto acabou. Eu acho que essa participação em festivais, encontros, em fóruns. é de poder discutir. Não de você fazer o seu TCC, acabou o seu TCC, você ganhou o canudo e joga aquilo no lixo. Não! Que o seu TCC possa ser um documento forte para nós discutirmos sugestões federais, estaduais e municipais. ■